



# GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

6.4 e 6.5<sup>1\*2</sup>

Paolo Leonardi<sup>3</sup>

**Resumo:** Todas as proposições sub 6 do *Tractatus* tratam das exceções à teoria pictórica mostrada nas proposições precedentes. As exceções dizem respeito à lógica, à matemática, à ciência, à ética e à filosofia. 6.4 e 6.5. A lógica e a ética são chamadas transcendentais – a primeira, defendo, é a condição de possibilidade da representação linguística; a segunda, a condição de possibilidade de um comportamento escolhido: não existem valores, o mundo é indiferente àquilo que fazemos, mas podemos escolher o que fazer. Uma ética de atos e não de princípios e regras. 6.5 e sub 6.5 negam a filosofia e naturalmente levam à rejeição do próprio *Tractatus*? Não: a filosofia mostra objetos e fatos, não é uma teoria em torno

---

1 \* Traduzido do italiano para o português brasileiro por Anna Maria Lorenzoni.

2 O meu interesse pela questão do sentido do mundo segundo W foi revitalizado pela leitura de “Secular Philosophy and the Religious Temperament”, de Thomas Nagel. Nagel argumenta que a filosofia não deve esquivar-se de indicar o sentido do todo. A recomposição de conhecimento, experiência e ação, para o indivíduo, seria tarefa dos filósofos, pois a filosofia é conhecimento e sabedoria. Creio que também para W a filosofia era sabedoria e, de maneira particular, conhecimento. A sua recomposição, contudo, é distante daquela de Nagel.

3 Università di Bologna, [paolo.leonardi@unibo.it](mailto:paolo.leonardi@unibo.it).

deles. O *Tractatus*, portanto, não dá explicações, não é um quase dizer o que não pode ser dito, mas um mostrar o que se diz. 7 convida a deter-se aí.

**Palavras-chave:** Wittgenstein. *Tractatus* 6.4 & 6.5. Dizer. Mostrar. Ética. Filosofia.

## 6.4 and 6.5

**Abstract:** All sub 6 propositions of the *Tractatus* deal with exceptions to the pictographic theory shown in the preceding propositions. The exceptions concern logic, mathematics, science, ethics, and philosophy. 6.4 and 6.5. Logic and ethics are called transcendental - the first, I argue, is the condition of possibility of linguistic representation, the second the condition of possibility of a chosen behavior: there are no values, the world is indifferent to what we do, but we can choose what to do. An ethics of acts and not of principles and rules. Do 6.4 and sub 6.5 deny the philosophy and naturally lead to the rejection of the *Tractatus* itself? No: philosophy shows objects and facts; it is not a theory around them. The *Tractatus*, therefore, offers no explanations; it is not a quasi-saying of what cannot be said but a demonstration of what one says. 7 invites you to stop there.

**Keywords:** Wittgenstein. *Tractatus* 6.4 & 6.5. Saying. Showing. Ethics. Philosophy.

1.

O *Tractatus* traça os limites do exprimível. A forma geral da proposição mostra esse limite, na versão portuguesa de 4.5 («as coisas estão assim» [em italiano: «È così e così (é assim e assim)»]) ou na versão formal de 6  $[\bar{p}, \bar{X}, N(\bar{X})]$ <sup>4</sup>. A forma geral da proposição origina todas e unicamente as proposições possíveis e, portanto, todos e unicamente os pensamentos exprimíveis. Uma sequência de sons, grafemas ou gestos que não seja atribuível a essa forma nada diz, e, conseqüentemente, não exprime qualquer pensamento. O que dizemos *mostra* aquilo que falamos e como o fazemos. Dar-se conta do que o dizer mostra é inútil, pois o faremos com a mesma língua,

<sup>4</sup> A notação da proposição 6 é impérvia. Trata-se, respectivamente, da: totalidade das proposições elementares, totalidade das proposições, negação das proposições em uma totalidade. O modelo é a definição indutiva de número natural. Mas a definição não é precisa. (White 2006: 103). Um modo mais perspicuo e mais correto de caracterizar a forma geral da proposição é:

1.  $p, q, r, \dots$  são proposições (elenco de proposições elementares)
2. se  $\xi, \zeta$ , são proposições,  $\xi|\zeta$  é uma proposição (onde '|' é a barra de Sheffer, que se lê, em português, *nem ... nem ...*).
3. 1 e 2 geram todas as proposições.

ou com uma língua do mesmo gênero, assumindo, portanto, aquilo que queremos explicar – que, segundo W<sup>5</sup>, é exatamente o que ocorre quando construímos uma metalinguagem, e, por exemplo, dizemos que “‘A neve é branca’ é verdadeiro se e apenas se a neve é branca”<sup>6</sup>.

A forma geral da proposição parece ser o ponto principal do *Tractatus*. O livro poderia, portanto, encerrar-se com a proposição 6, mas não é isso o que ocorre. Nas proposições sub 6, W discute uma série de problemas ou exceções – todas expressões que nada mostram. 6.01-6.03 e sub, tratam da natureza das proposições matemáticas. As proposições matemáticas, segundo W, não representam. A matemática, em vez disso, consistira em um sistema de operações – operações com as quais colocamos ordem na pluralidade. O núcleo da matemática seria a iteração de uma operação (a operação sucessora, adiciona um), e os números seriam os expoentes dessa operação. A prática do contar estaria, portanto, na origem da matemática.

6.1 discute as proposições da lógica, que inervam, estruturam, toda a representação linguística. 6.13 declara a lógica transcendental, isto é, uma condição de possibilidade da representação linguística. Uma condição que incide sobre a forma e não sobre a substância dessa representação, pois as proposições da lógica são tautológicas, isto é, segundo o *Tractatus*, são privas de sentido, são proposições que nada dizem – mais adiante falará de proposições ‘gramaticais’, dando-lhes mais conteúdo. Em 6.3 e sub 6.3, W fala dos aspectos apriorísticos das proposições científicas. Nada é cientificamente necessário, não existem leis científicas, mas formas de leis, que escolhemos a priori, que, se de um lado, servem-nos para organizar em forma unitárias os nossos conhecimentos, por outro, dão a eles uma forma arbitrária. Aquilo que é interessante é descrever os fenômenos em modo particular, por exemplo, um sistema como a mecânica newtoniana fornece um modo unitário para descrever o mundo. Duas sub proposições-chave são as seguintes:

6.37 Não há coerção em virtude da qual, porque algo aconteceu, algo mais deva acontecer. Só há necessidade *lógica*.

6.371 Toda a moderna visão do mundo está fundada na ilusão de que as chamadas leis naturais sejam as explicações dos fenômenos naturais.

---

5 Sempre que eu fizer referência a Wittgenstein, usarei apenas o W.

6 No último parágrafo de seu prefácio à primeira edição inglesa do *Tractatus*, Bertrand Russell sugere superar o problema recorrendo a uma hierarquia de línguas, precisamente uma metalinguagem após a outra, e antecipa uma objeção de W. Tecnicamente, não é literalmente verdadeiro que, numa sequência de línguas, todas elas possuem uma estrutura idêntica. Cada metalinguagem contém os predicados semânticos para a sua língua-objeto que ela não contém.

6.371 sugere que se confunda uma descrição com uma explicação.

As proposições 6.1-6.3 e as suas sub proposições tomam em consideração estruturas apriorísticas dos nossos conhecimentos, as quais não oferecem valor cognoscitivo, mas que reconhecem um papel instrumental: as redes de pesca nada nos dizem sobre os peixes, mas o seu diâmetro e espessura podem nos permitir capturar diversas de suas espécies – assim como as estruturas apriorísticas das quais nos servimos podem interceptar elementos do ambiente no qual vivemos.

Dentre todas as proposições sub 6, interessam-me de maneira particular a 6.4 e a 6.5 e suas sub-proposições. 6.4 e 6.5, junto à 7 – ainda que também elas discutam casos que poderiam se assimilar aos três precedentes, de modo nenhum seriam do mesmo gênero. Não existem proposições éticas, e tampouco existem perguntas filosóficas e, portanto, como consequência, tampouco existem respostas filosóficas sensatas. Essas proposições parecem oferecer uma perspectiva diversa em todo o *Tractatus* – uma perspectiva inesperada, reveladora, mais verdadeira. Assim alguns defenderam que elas dão voz àquilo sobre o qual não se pode falar; outros, em vez disso, que elas negam tudo o que o *Tractatus* parece afirmar nas partes precedentes. 6.4 trata da ética; 6.5 da filosofia.

Não há proposições na ética. A ética, como a lógica, é transcendental – uma condição de possibilidade de um comportamento escolhido. No modesto espaço que o fato nos concede, orientamos o nosso comportamento e, impedindo que se deem alguns estados de coisas e produzindo-se outros, redesenham marginalmente o mundo. Uma ética de atos, e não de princípios e regras. Na medida em que nos reconhecemos nas nossas ações e aceitamos o fato, somos felizes. 6.5, e sub 6.5, dizem-nos que ir para além do que se pode dizer e se pode pensar, ainda que apenas para exprimir dúvidas, é insensato: não há mais perguntas, e não existem, portanto, nem sequer mais respostas, para ninguém. A proposição 7 - «Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar» - não segue apenas as proposições 6.5 e sub 6.5., mas todo o *Tractatus*.

Uma outra série de proposições problemáticas, antes daquelas sub 6, que, porém, diversamente delas, não tratam de casos difíceis em face à forma geral da proposição, são as proposições 5.6 - «Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo» - e sub 5.6. Temos uma representação do mundo, o sujeito que tem a representação não é um elemento dela, mas é o limite externo rumo ao qual ela converge. Portanto, a representação que o sujeito possui é o que o indivíduo: «Eu sou o meu mundo» (5.63). A representação une um número indefinido de estados de coisas elementares, por si só logicamente independentes – esse é o meu mundo como o meu eu.

A minha leitura acha coerente a última parte do *Tractatus* com relação àquilo que a precede<sup>7</sup>. Irei me deter especialmente em 6.41, mais especificadamente no «sentido do mundo», em 6.45, em particular na «visão de mundo *sub specie aeterni*» e em 6.522, precisamente em «isso se *mostra*».

## 2.

O sentido do mundo, para W, não pertence ao mundo, e conseqüentemente não pode ser formulado. A reconstrução do que é pensável, como aquilo que é exprimível, mostra o mundo «*sub specie aeterni* como totalidade – delimitada», e podemos compreender o seu sentido, no presente – «Se por eternidade não se entende a duração temporal infinita, mas a atemporalidade, então vive eternamente quem vive no presente». (6.4311 (b)). O mundo é estados de coisas que se dão, uma parte dos quais a nossa representação compreende em conjunto – às vezes apresentando também alguns estados de coisas que não se dão. As proposições de 1 a 6 colocam um número indefinido de estados de coisas elementares, introduzem as imagens e as proposições elementares como imagens lógicas dos estados de coisas elementares. A possibilidade é abordada brevemente e é fornecido um esboço da substância do mundo e do mundo em seu complexo. Cada estado de coisas é contingente. Os conectivos lógicos e os quantificadores, aos quais nada corresponde no mundo, permitem representar em conjunto qualquer número de estados de coisas elementares. Vemos que não há nada além disso: essa compreensão não discursiva é o olhar *sub specie aeterni* sobre o mundo, a representação do instante presente do mundo em uma *silhouette*, pode-se dizer, pois na verdade faltam todos os particulares – não há um exemplo de estados de coisas elementares. A ciência verifica quais estados de coisas efetivamente se dão ou são possíveis. Entre os estados de coisas que se dão e entre aqueles possíveis que ainda não se deram há aqueles que o meu agir produz e pode produzir, o modesto deslocamento dos limites do mundo, que o fato me permite – a minha contribuição ao mundo, do qual me reconheço corresponsável. A representação agrupa os estados de coisas que se dão, o mundo, e aqueles que podem se dar, não projeta algo de mais elevado, que não existe<sup>8</sup>. Um mundo, portanto, e a sua representação, que, uma vez que as proposições são elas mesmas estados de coisas, é uma projeção do mundo num seu

7 A releitura mais radical é aquela dos novos wittgensteinianos, como Cora Diamond, James Conant, e, na Itália, Piergiorgio Donatelli. Não analisarei diretamente essa releitura.

8 Uma interpretação diversa seria possível, obviamente. O Deus de W poderia ser como os deuses de Epicuro, e impensável para mim, para nós. Se assim o fosse, com efeito, à sua indiferença corresponderia a nossa, pois a sua existência seria coerentemente em tudo inobservada. Cfr. *Tractatus* 6.432.

subconjunto. O meu mundo é uma projeção sobre mim e faz de mim aquilo que sou.

3.

a. Observações preliminares. Frequentemente se lê a parte conclusiva do *Tractatus*, escrito em 1918/19, em continuidade com aquilo que, nos *Cadernos 1914-1916*, trata dos mesmos temas ou, da maneira específica para a ética, em continuidade com a “Conferência sobre a ética”, de 1929/1930. Existem, contudo, diferenças significativas entre os *Cadernos 1914-1916* e o *Tractatus*. Eis alguns exemplos de diferenças, de ideias em parte significativamente diversas.

Em 11 de junho de 1916, W escreve:

O que sei sobre Deus e o fim da vida? [...]

Sei que este mundo existe.

Que estou nele [isto é, no mundo], como o meu olho no campo visual<sup>9</sup>.

[...]

Que esse sentido não reside nele, mas fora dele.

[...]

Que a minha vontade permeia o mundo.

[...]

Que, portanto, bem e mal são, de algum modo, inerentes ao sentido do mundo. O sentido da vida, isto é, o sentido do mundo, podemos chamá-lo Deus.

---

9 A esse respeito, W se corrige já em 4 de agosto de 1916.

Não posso dirigir os eventos do mundo segundo a minha vontade; pelo contrário, sou completamente impotente.

Há apenas um modo de tornar-me independente do mundo – e, portanto, num certo sentido, dominá-lo – renunciando a influenciar os acontecimentos.

Em 30 de julho do mesmo ano, afirma:

A ética é transcendente.

W conhecia Kant e Schopenhauer, então certamente conhecia a diferença entre “transcendente” e “transcendental”. Em parte, portanto, mudou de ideia entre os *Cadernos 1914-1916* e o *Tractatus*, pois neste texto a ética é chamada transcendental.

Dois dias depois, em 1º de agosto de 1916, acrescenta:

Como estão todas as coisas, é Deus.

Deus é, como todas as coisas estão.

Apenas da consciência *da singularidade de minha vida* surgem religiões – ciência – e arte.

Mas a proposições 6.432 do *Tractatus* afirma:

*Como seja o mundo, é completamente indiferente para o Altíssimo. Deus não se revela no mundo.*

Agora, alguns exemplos de ideias presentes nos *Cadernos 1914-1916* que não têm correspondência no *Tractatus*. Em 2 de agosto de '16, W anota:

Como o sujeito não é parte, mas pressuposto da existência do mundo, assim bom e mal são predicados do sujeito, não propriedade do mundo.

Sim, o meu trabalho se estendeu dos fundamentos da lógica até a essência do mundo.

Em 5 de agosto, escreve:

O sujeito pensante é certamente uma vã ilusão. Mas o sujeito que quer existe.

E eis a última anotação dos *Cadernos 1914-1916*, de 10 de janeiro de 1917:

Se é permitido o suicídio, tudo é permitido.

Se algo não é permitido, então o suicídio é permitido.

Isso lança luz na essência da ética. Com efeito, o suicídio é, por assim dizer, o pecado elementar.

E quando ele é investigado, é como quando se investiga o vapor de mercúrio para compreender a essência dos vapores.

Ou também o suicídio não é, em si, nem bom nem mal?

**b.** Observações semelhantes àquelas do *Tractatus* podem ser obtidas a partir de uma análise da conferência sobre a ética, de 1929/30. Se no *Tractatus* não há espaço para a ética, há ainda menos na conferência sobre a ética de 1929/30, onde a impossibilidade do discurso ético é asseverada com a máxima certeza e com um aceno ao desespero, e a ética não é mais chamada transcendental, com as implicações que eu havia sugerido inicialmente, e sobre as quais retornarei. Pode ser um simples acaso ou um crescente distanciamento do léxico filosófico o desaparecimento da palavra *transcendental*: segundo a conferência de 1929/30, embora não possamos afirmar um valor, podemos produzir, ou fazer uma contribuição para produzir, um mundo marginalmente diverso, no qual o valor não é um fato, mas uma escolha. Uma abordagem próxima àquela do *Tractatus*. Não tenho um interesse especial pela ética.



Seja como for, aquilo que W considera, nos *Cadernos 1914-1916*, questões éticas, ou religiosas, em 1918/19 parece considerá-las como tais apenas ambigualmente, e, em 1929/30, já não parece entendê-las assim, exceto como mistério ou maravilhamento pela existência do mundo.

Não é possível fazer uma comparação desse tipo com outros temas. Por exemplo, no *Tractatus*, W usa uma forma forte falando do maravilhamento pela existência do mundo (sobre o qual, como acabamos de ver, retornará dez anos depois), formulando a proposição 6.44: «O Místico não é *como* o mundo é, mas *que* ele é». Posteriormente, nos anos das *Investigações*, aquele espanto se transforma em maravilhamento pela riqueza de formas de existência do mundo. (Isto é, de maravilhamento por *como* o mundo é.)<sup>10</sup>

Por essas razões, buscarei me ater apenas ao *Tractatus*, não porque o restante não seja útil ou importante, mas porque o *Tractatus*, em sua forma final, é um ponto de equilíbrio particular, que qualquer outro texto modifica.

## 4.

Um valor não é exprimível, para W, e, portanto, a ética não é formulável.

Qualquer proposição é uma composição de proposições elementares e estas são todas contingentes. Uma proposição que formulasse a ética seria uma proposição que representaria não como as coisas são ou poderiam ser, mas como *deveriam* ser. Uma proposição, portanto, que introduziria uma assimetria entre os estados de coisas, introduzindo alguns como com maior valor do que outros. Não existem, porém, proposições com valor maior do que as outras e, conseqüentemente, não existem proposições que formulem a ética – ela é inexprimível. Se existisse um valor, deveria «estar fora do mundo».

6.41 (a) O sentido do mundo deve estar fora dele. No mundo, tudo é como é e tudo acontece como acontece; não há nele nenhum valor – e se houvesse, não teria nenhum valor.

Mas (1) «[o] mundo é tudo que é o caso», não há nada além disso<sup>11</sup>.

6.41 É por isso que tampouco pode haver proposições na ética.

Proposições não podem exprimir nada de mais alto.

10 O substantivo *Místico* volta na 6.522 para afirmar algo ligeiramente diferente.

11 Tejedor, 2011, cap. 3, analisa a ética no *Tractatus*, negligenciando, a meu ver, o deslocamento que há entre a linguagem e as coisas. O *Tractatus* discute.

Portanto, não há um valor<sup>12</sup>.  
Isso, contudo, não exclui a ética.

6.421 (b) A ética é transcendental.

O ser transcendental propõe a ética como condição de possibilidade do agir, o ser possível agir, e não como algo que dá ao agir mesmo uma forma. O agir dá (muito) marginalmente forma ao mundo – o fazer uma coisa em vez de outra, torna uma coisa, e não a outra, um fato<sup>13</sup>. O homem ético aceita que seja assim, isto é, aceita o mundo como é e a própria responsabilidade no agir<sup>14</sup>. Existem comportamentos que nos fazem estar melhores ou piores – e sermos, por isso, julgados bons ou maus e que podem nos dar prazer ou desprazer. (É este prazer/desprazer que torna ética e estética indissociáveis (6.421 (c)?)

O indivíduo, em suma, é plenamente o sujeito da ética: é ele que escolhe como agir.

As últimas quatro proposições sub 6.4 deslocam o tema:

6.432 Como seja o mundo, é completamente indiferente para o Altíssimo. Deus não se revela no mundo.

6.4321 Os fatos fazem todos parte apenas do problema, não da solução.

6.44 O Místico não é *como* o mundo é, mas *que* ele é.

6.45 A intuição do mundo *sub specie aeterni* é sua intuição como totalidade - limitada.

O sentimento do mundo como totalidade limitada é o sentimento místico.

As proposições 1-6 e aquelas subordinadas a elas descreveram o mundo como um conjunto de estados de coisas elementares, apreendíveis por outras tantas proposições elementares e por todas as suas combinações representadas pela forma geral da proposição na proposição 6. Portanto, não há *maravilhamento* – expressão

12 Esse ponto de vista contrasta com a centralidade que os seres humanos atribuíram a si mesmos.

13 That any facts whatsoever should obtain, given that they need not, is, for this reason, of profound ethical value, in Wittgenstein's view. (Tejedor 2011: 90)

14 Cfr. «O mundo do feliz é um mundo diferente do mundo do infeliz» (6.43 (b)).

que preferido em vez de *místico* – com relação a como ele seja. Apreendê-lo em sua plenitude, *sub specie aeterni*, intemporalmente, faz-nos sentir maravilhamento: que ele exista. O como do mundo é indiferente àquilo que é mais alto – Deus, se existe, parece desinteressado nele e, portanto, nele não se revela. Se o mundo é sua obra, como é que foi feito? E se não é sua obra, como é que existe?

5.

Após as proposições 6.4 e sub 6.4 e antes da proposição 7, há a 6.5 e as sub 6.5. Se 6.4 e sub 6.4 tratam da ética, 6.5 e sub 6.5 dizem respeito à filosofia (à qual já haviam sido dedicadas explicitamente as proposições 4.111 até 4.116). A filosofia visa esclarecer a lógica dos pensamentos e não é uma doutrina (veja-se 4.112). Não há respostas filosóficas porque não há perguntas filosóficas e, se um enigma é a impossibilidade de responder a uma pergunta, então não há nenhum enigma filosófico:

6.5 (a) Para uma resposta que não se pode formular, tampouco se pode formular a questão.

(b) *O enigma não existe*<sup>15</sup>.

Nossa impressão, contudo, é que

6.52 [...] mesmo que todas as questões científicas *possíveis* tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados<sup>16</sup>.

Portanto, os nossos problemas vitais são mal-entendidos e a resposta é precisamente que:

6.52 [...] não restará, nesse caso, mais nenhuma questão [...]

A resolução do problema é o seu desaparecimento (6.521 (a)).

7.

15 Existem muitas respostas que não podem ser formuladas, mesmo sendo possível formular a pergunta. Certo, compreendendo melhor um problema, e, portanto, formulando perguntas precisas, aproximamo-nos de sermos capazes de respondê-las.

16 Existem, de fato, além das científicas, outras perguntas que podemos formular, como aquelas que dizem respeito ao cotidiano ou a projetos – o que aconteceu? O que fazer? Entretanto, elas não são perguntas filosóficas.

Imaginemos que apenas as seguintes proposições sucedessem a 6.52:

6.53 O método correto da filosofia seria propriamente este: nada dizer, senão o que se pode dizer; portanto, proposições da ciência natural - portanto, algo que nada tem a ver com filosofia; e então, sempre que alguém pretendesse dizer algo de metafísico, mostrar-lhe que não conferiu significado a certos sinais em suas proposições. Esse método seria, para ele, insatisfatório - não teria a sensação de que lhe estivéssemos ensinando filosofia; mas esse seria o único rigorosamente correto.

7 Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar.

Pensaríamos que se trata de um convite a não se fazer perguntas filosóficas, que contêm termos que não têm sentido e que, conseqüentemente, não têm resposta. Disso não extrairemos a conclusão de que tudo o que havíamos lido até então é sem sentido. Mas, após a 6.53 e antes da 7, há essa outra proposição:

6.54 Minhas proposições elucidam dessa maneira: quem me entende acaba por reconhecê-las como contrassensos, após ter escalado através delas - por elas - para além delas. (Deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela.) Deve sobrepujar essas proposições, e então verá o mundo corretamente.

Trata-se de um convite não para abandonar o que fora dito precedentemente, mas de utilizá-lo para ver corretamente o mundo, como W afirma ter feito ele mesmo, segundo o Prefácio:

[...] a *verdade* dos pensamentos aqui comunicados parece-me intocável e definitiva (1921 [1993]: 133)

Ao que se segue:

Portanto, é minha opinião que, no essencial, resolvi de vez os problemas. E se não me engano quanto a isso, o valor deste trabalho consiste, em segundo lugar, em mostrar como importa pouco resolver esses problemas. (1921 [1993]: 133)

Imediatamente antes de 6.53, há a proposição 6.522:

6.522 Há por certo o inefável. Isso se *mostra*, é o Místico<sup>17</sup>.

17 A tradução italiana da 6.522 não é transparente: «Ma c'è dell'ineffabile. Esso *mostra sé*, è il Místico». O alemão recita: «Es gibt allerdings Unaussprechliches. Dies zeigt sich, es ist das Mystische». A tradução inglesa é um pouco livre, mas chega ao ponto melhor do que a italiana: ««There are, indeed, things that cannot be put into words. They make themselves manifest. They are what is mystical» (na tradução de D.F. Pears e B. F. McGuinness). Por essa razão eu a alterei no texto italiano [como «C'è che non è dicibile *mostra* se stesso. Questo è il místico».]

Assim como em 6.44, em vez de *isso é o Místico*, eu teria dito *isso é o maravilhamento*, mesmo se o tom mais religioso de *místico* também caberia. 6.522 reduz o místico àquilo que não se diz, mas mostra a si mesmo. Se tentarmos explicar o que as palavras dizem servindo-nos de palavras, envolvemo-nos em um círculo, pois o problema se repropõe a nós pelas palavras às quais recorreremos na explicação. Podemos, contudo, precisamente, mostrar como falamos. Portanto, o maravilhamento (o místico) é o estar no mundo (6.44) e o entrever como é (6.522).

Isso permite uma compreensão diversa das proposições 6.5 e sub 6.5 e da proposição 7. W defende que não existem hierarquias de linguagens. O *Tractatus* ilustra, da primeira à última proposição, a linguagem, e não o faz *falando* delas – não há, segundo W, uma metalinguagem para fazê-lo. Ele o faz mostrando a única linguagem que há – esquematicamente, isto é, sem referências específicas: nas primeiras proposições, por exemplo, não se fala deste ou daquele fato, mas genericamente de fatos. O mesmo vale para todos os demais temas que o livro toca, da proposição 1 até a 6. Não se trata, portanto, em nenhum momento, de uma explicação da linguagem, de proposições que falam de outras proposições. Aquilo que não pode ser dito não é um “quase dizer”, mas um *mostrar* como a linguagem funciona. Proposições, portanto, mostradas – e não ditas – as quais, ao serem proferidas, não falam algo a mais e que não são proferidas com um sentido. Uma operação intelectual que pode ser mal-entendida, tratando-a como uma explicação, mas que é uma manobra filosófica de certa forma análoga a como aprendemos a falar. Ninguém nos explica o que é a linguagem e como funciona: falamos e isso nos mostra o que é a linguagem, e lentamente, mas não muito, aprendemos a falá-la também nós. A complexa silhueta da linguagem, oferecida a nós pelo *Tractatus*, pretendia corrigir as imagens distorcidas que outros, por exemplo, Russell, nos deram. Não temos instrumentos para *falar* disso tudo<sup>18</sup>. Ao mesmo tempo, por não se tratar de um dizer, trata-se de uma operação equivocável e, portanto, da qual, uma vez compreendido isso, convém se retirar.

8.

A tensão à clareza, à transparência, à limpidez, é uma característica de W no *Tractatus*, já no *Prefácio*:

O que se pode em geral dizer, pode-se dizer claramente; [...] (1921 [1993]: 131)

Em seguida, a clarificação dos pensamentos, não a sua elaboração, é, para W, o objetivo da sua pesquisa, e, gostaria de dizer, o que é próprio da filosofia. Uma

18 Uma analogia imprecisa: mostrar as peças de um jogo e as suas regras não é jogá-lo.

década após a publicação do *Tractatus*, num prefácio rascunhado para as *Investigações filosóficas*, W escreve:

Para mim, a clareza, a transparência, são fins em si mesmos. Não é do meu interesse levantar um edifício, mas sim ver com transparência diante de mim os alicerces dos edifícios possíveis.

O meu objetivo, portanto, é diverso daquele do homem da ciência, e o movimento do meu pensamento diverso do seu. (2001: 22-3)

No prefácio das mesmas *Investigações*, publicadas postumamente, modifica o trecho do seguinte modo:

[o espírito deste livro se externa] numa tensão rumo à perfeita limpidez de qualquer estrutura [... quer compreender o mundo] em seu centro – em sua essência. Por isso [...] permanece onde se encontra e insiste em tomar em consideração sempre as mesmas coisas. [1976: lxxvii]

Trata-se, portanto, de ver como pensamos e agimos, não de contribuir com novos modos de pensar e de fazer. Ordenar, sem acrescentar coisa alguma, sem levantar doutrinas. Não há o enigma, mas a tensão e a dificuldade não parecem menores. Aliás, mostrar como pensamos e agirmos linguisticamente já é muito, é acrescentar alguma coisa – embora apenas uma ilustração. Melhor exibi-lo, mostrá-lo, sem nem sequer indicá-lo – que o veja quem olha, quem por sua vez escuta e fala. Um problema que, ainda em 1947, é algo de inatingível, ao menos segundo essas linhas do prefácio às *Investigações filosóficas*:

As observações filosóficas deste livro são como um conjunto de esboços de paisagem, produzidos sobre essas longas e emaranhadas viagens.

Os mesmos pontos, ou quase os mesmos, são tocados sempre de novo a partir de diferentes direções, e novas imagens são continuamente esboçadas. Uma infinidade delas foram mal desenhadas, outras não eram características, com todas as falhas que acometem um desenhista fraco. E se as eliminássemos, restaria uma quantidade a meio caminho, que teriam que ser, assim, reordenadas, amiúde recortadas, de modo que pudessem dar ao observador uma imagem da paisagem. – Portanto, este livro é, na realidade, só um álbum. (1953 [2015]: 6-7)

Um esboço, com efeito, filtra o que haveria de se ver sem qualquer mediação. Desapareceu a arrogância do início dos anos 10 em Cambridge, como a soberba do *Tractatus*, que defende teses nem um pouco banais, como aquelas sobre a lógica, aquelas sobre os enunciados de comportamento, a reconstrução da matemática ou os acenos ao conhecimento científico. O modo de conceber a filosofia e o seu papel, contudo, permaneceram os mesmos e o trabalho parece mais difícil do que ele havia

Guairacá Revista de Filosofia, Guarapuava-PR, V38, N1, P. 28-42, 2022.

ISSN 2179-9180

imaginado. W se deu conta que a sua “exposição” tinha imprecisões e inexatidões, mas não consegue mais preparar uma nova na qual mostrar a linguagem com a mesma completude e a mesma ordem. Uma exposição, de todo modo, não tem alternativas, é um entendimento, não um mal-entendido<sup>19</sup>. O alvorecer não depende de o olharmos, mas não o compreenderemos melhor não olhando para ele.

## Referências bibliográficas

S. Bronzo 2012 The resolute reading and its critics / An introduction to the literature (*Wittgenstein-Studien* 3: 45-80).

C. Diamond 1991 Ethics, imagination and the method of Wittgenstein's *Tractatus* (in *Bilder der Philosophie / Reflexionen über das Bildliche und die Phantasie* Wien Oldenburg: 55-90).

G. Decauwert 2021 *Dire & montrer* (Paris Eliott).

J.C. Klagge 2022 *Tractatus in context* (London-New York Routledge)

I. Somavilla 2021 Wittgenstein's approach to the world in the *tractatus* ( in *Wittgenstein's tractatus logico-philosophicus* A. Gerogallides ed. Nwewcastle upon Tyne Cambridge Scholars Publishing:167-87)

R. White 2006 *Wittgenstein's Tractatus logico-philosophicus / Reader's Guide* (London-New York Continuum).

H. Wittgenstein 2006 “*Ludwig Sagt . . .*”: *Die Aufzeichnungen der Hermine Wittgenstein* M. Iven ed Berlin Pererga).

L. Wittgenstein 1921 *Logisch-Philosophische Abhandlung* (*Annalen der Naturphilosophie* 14: 185-262; tr. inglese di C.K. Ogden con un'introduzione di B. Russell *Tractatus Logico-Philosophicus* London Routledge & Kegan Paul 1922 tr. it. di A.G. Conte *Tractatus logico-philosophicus* e *Quaderni 1914-1918* Torino Einaudi 1964; tradução portuguesa Luiz Henrique Lopes dos Santos São Paulo Editora da Universidade de São Paulo 1993).

L. Wittgenstein 1953 (2009<sup>4</sup>) *Philosophische Untersuchungen* (*Ricerche filosofiche* tr. it. della 1<sup>a</sup> ed. di R. Piovesan e M. Trinchero Torino Einaudi 1967). (*Investigações Filosóficas* tradução portuguesa João José R.L. de Almeida 2015)

L. Wittgenstein 1964 *Philosophische Bemerkungen* Frankfurt am Main (*Osservazioni filosofiche* tr.it. di M. Rosso Torino Einaudi 1976).

L. Wittgenstein 1977 (1984<sup>2</sup>, 1994) *Vermischte Bemerkungen* (*Pensieri diversi* tr. It di M. Ranchetti Milano Adelphi 1988).

---

19 Decauwert discute exaustivamente a distinção dizer-mostrar, debatendo mais análises. Expressar em palavras, tentar reduzir ao menos em parte o mostrar a algo que não é coerente com o *Tractatus*. Também se “Look and see” é uma tradução não literal de G.E.M Anscombe das *Investigações filosóficas*, trata-se de uma expressão paralela de comentário que se encaixa aproximadamente na metade do caminho como comportar-se diante do mostrar-se do *Tractatus* – o imperativo é um extra, muito maior. Decauwert cita, na p. 219, o mesmo trecho do rascunho do prefácio às *Investigações filosóficas* citado por mim, com a mesma intenção. Dá, contudo, menos destaque às proposições 6.5 e sub 6.5 como proposições sobre a filosofia, e, ao mesmo tempo, enfatiza o tom religioso de “místico”. Como escreve sua irmã, W não acreditava em Deus e o seu ser religioso, se existia, era algo de muito singular, talvez à maneira de Espinosa, coisa que deve ser lembrada nesse caso.